

# **Roteiro histórico do Barlavento Algarvio** (séculos XV e XVI)

Daniela Nunes Pereira  
& Rui Manuel Loureiro



# Roteiro histórico do Barlavento Algarvio (séculos XV e XVI)

Daniela Nunes Pereira & Rui Manuel Loureiro

Direção Regional de Cultura do Algarve - Faro - 2023

O projeto 0752\_Magallanes\_ICC\_5\_E é Cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional FEDER, através do Programa Interreg V-A Espanha-Portugal (POCTEP) 2014-202



## Ficha técnica

Título: Roteiro histórico do Barlavento Algarvio (séculos XV e XVI)

Autores: Daniela Nunes Pereira & Rui Manuel Loureiro (textos); Vítor Pina (imagens)

Edição: Direção Regional de Cultura do Algarve

Imagens dos mapas: baseadas em © Google Earth (earth.google.com)

Design e paginação: Bloco Design & Comunicação

Projeto Magallanes\_ICC

Data: Julho 2023

Tiragem: 100 exemplares

Depósito Legal: 525093/23

ISBN (edição papel): 978-989-35136-4-4

ISBN (edição digital): 978-989-35136-5-1

Impressão: Litografis - Artes Gráficas

## Índice

Abertura .....	08
0. Nota introdutória .....	10
1. Aljezur - Introdução histórica .....	14
1.1. Castelo de Aljezur .....	16
1.2. Igreja da Misericórdia .....	18
1.3. Museu Municipal de Aljezur .....	18
1.4. Fortaleza da Arrifana .....	21
1.5. Forte da Carrapateira e Igreja de Nossa Senhora da Conceição .....	23
2. Vila do Bispo - Introdução histórica .....	28
2.1. Fortaleza do Cabo de São Vicente .....	30
2.2. Forte do Beliche .....	30
2.3. Fortaleza de Sagres .....	34
2.4. Forte do Zavial .....	34
2.5. Forte de Almádena .....	36
2.6. Igreja Matriz de Vila do Bispo .....	37
2.7. Museu de Vila do Bispo - O Celeiro da História de Vila do Bispo .....	37
2.8. Igreja Matriz da Raposeira .....	40
2.9. Ermida de Nossa Senhora da Guadalupe .....	40
2.10. Igreja de São Sebastião - Budens .....	42
3. Lagos - Introdução histórica .....	46
3.1. Forte de Nossa Senhora da Luz .....	48
3.2. Igreja de Nossa Senhora da Luz - Lagos .....	48
3.3. Forte do Pinhão .....	50
3.4. Forte da Ponta da Bandeira .....	50
3.5. Porta do Mar ou Porta da Ribeira .....	52
3.6. Estátua de Gil Eanes .....	53

3.7. Porto e Baía de Lagos .....	53
3.8. Palácio dos Governadores e Janela de D. Sebastião .....	56
3.9. Núcleo Museológico do Mercado de Escravos .....	58
3.10. Estátua do Infante D. Henrique .....	58
3.11. Antigo Portal da Igreja do Santo Espírito - Museu Municipal Dr. José Formosinho .....	60
3.12. Igreja de São Sebastião e Capela dos Ossos .....	62
3.13. Muralhas de Lagos .....	65
3.14. Forte da Meia Praia .....	66
4. Silves - Introdução histórica .....	70
4.1. Castelo e Muralhas de Silves .....	72
4.2. Museu Municipal de Arqueologia de Silves .....	74
4.3. Sé de Silves .....	74
4.4. Igreja de Nossa Senhora dos Mártires .....	78
4.5. Ponte Medieval .....	78
5. Monchique - Introdução histórica .....	82
5.1. Igreja Matriz de Monchique .....	84
5.2. Igreja de São Sebastião .....	86
5.3. Convento da Nossa Senhora do Desterro .....	88
5.4. Igreja Paroquial de Alferce .....	88
6. Guia bibliográfico .....	90

A Direção Regional de Cultura do Algarve foi parceira do projeto Magallanes\_IC, tendo ficado a seu cargo o desenvolvimento de ações que pudessem ser úteis às pessoas interessadas na época histórica em que Fernão de Magalhães realizou a sua viagem de circum-navegação.

Este *Roteiro* é um dos resultados práticos do trabalho produzido pelos especialistas de que nos rodeámos, para levar a bom porto esta tarefa.

Creemos que o propósito foi atingido, com estas e outras ações, bem como os seus resultados, que podem ser consultadas na secção Magallanes\_ICC, no site desta direção regional.

Um agradecimento aos autores, Professores Doutores Rui Loureiro e Daniela Nunes Pereira, pela dedicação ao projeto, na sua totalidade.

Aos leitores e caminhantes, fica o desafio para seguirem à descoberta destes primeiros «Lugares de Globalização», guiados por este tão rico *Roteiro*.

Adriana Freire Nogueira  
Diretora Regional de Cultura do Algarve

## O. Nota introdutória

A passagem do quinto centenário da primeira circum-navegação do globo, iniciada por Fernão de Magalhães em 1519, serviu de inspiração para a criação de um projeto transfronteiriço de dinamização cultural. O projeto *Magallanes\_ICC*, tomando a designação castelhana do célebre navegador português, tinha como objetivo essencial impulsionar as Indústrias Culturais e Criativas nas regiões do Algarve, do Alentejo e da Andaluzia, estabelecendo conexões com a mais recente investigação histórica sobre o período em que Fernão de Magalhães viveu. Dentro desta premissa, os mais recentes desenvolvimentos historiográficos constituíram-se como elemento-chave para a exploração das implicações culturais, sociais e políticas desse período, e também para a promoção do conhecimento sobre o património histórico monumental.

O *Roteiro histórico do Barlavento Algarvio (séculos XV e XVI)* foi uma das estratégias de comunicação propostas pela componente de investigação histórica do projeto *Magallanes ICC*, com o intuito de narrar, visualizar e valorizar esta região algarvia e o seu património cultural relacionado com os chamados *Lugares da Globalização*. O presente roteiro, assim, concentra-se nos territórios do sudoeste do Algarve que desempenharam um papel importante na chamada *Primeira Globalização*, como Aljezur, Vila do Bispo, Lagos, Silves e Monchique, e procura apresentar, de forma clara e concisa, os sítios e edifícios que ainda hoje evocam esse período histórico.

O tema central do roteiro é o período histórico que tem sido designado como «dos descobrimentos e expansão ultramarina». Ou seja, está em causa o período histórico compreendido entre os séculos XV e XVI, quando os navegadores portugueses, baseados precisamente no Barlavento Algarvio, iniciaram uma série de viagens de exploração náutica que permitiram descobrir novas rotas marítimas para regiões situadas além-mar, com as quais anteriormente não existiam contactos diretos e, ao mesmo tempo, levaram ao descobrimento no oceano Atlântico de algumas ilhas desertas até aí desconhecidas. Este movimento de viagens de «descobrimento», por sua vez, deu

origem à «expansão ultramarina», isto é, ao estabelecimento de entrepostos portugueses em regiões situadas além-mar, primeiro em África, depois nas ilhas atlânticas, e, posteriormente, no litoral da Ásia e também no Brasil.

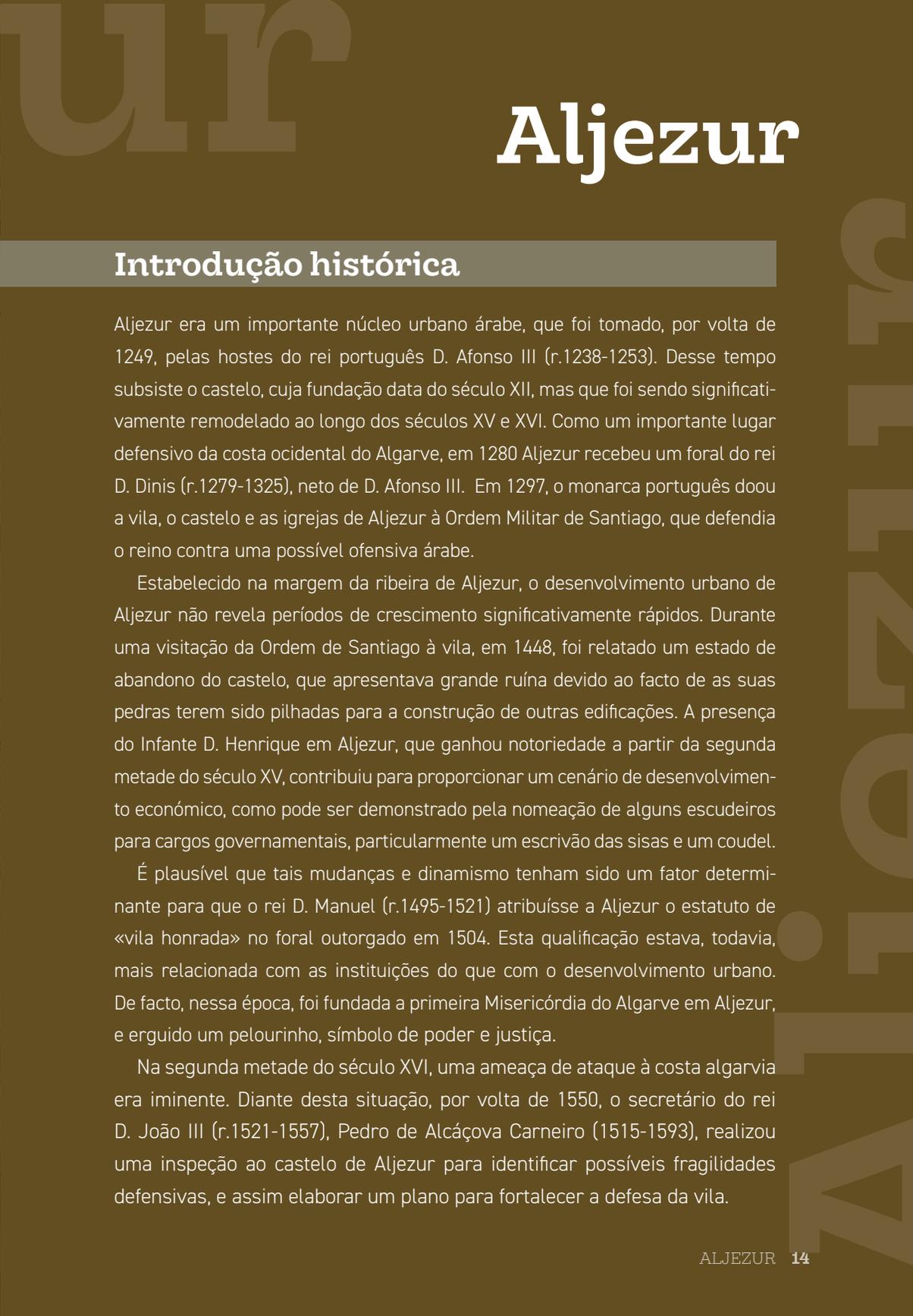
O presente roteiro apresenta para cada um dos municípios centrais ligados a esse processo pioneiro – Aljezur, Lagos, Monchique, Silves e Vila do Bispo – um enquadramento histórico sobre a respetiva evolução e a importância que detinham no território português, bem como as características identitárias de cada um, a partir do Património daquela época. O roteiro destaca os principais acontecimentos históricos, as figuras de relevo e os monumentos relacionados com a época. Os sítios a serem visitados são acompanhados por breves textos descritivos e ilustrados por registos fotográficos pertinentes. Em termos de conteúdos, foi dada especial relevância às informações contidas nos antigos forais e nas crónicas ou relatos do período histórico abrangido.

Os Autores





- 1.1. O castelo de Aljezur
- 1.2. A igreja da Misericórdia
- 1.3. O museu Municipal de Aljezur
- 1.4. A fortaleza da Arrifana
- 1.5. O forte da Carrapateira e a igreja de Nossa Senhora da Conceição



# Aljezur

## Introdução histórica

Aljezur era um importante núcleo urbano árabe, que foi tomado, por volta de 1249, pelas hostes do rei português D. Afonso III (r.1238-1253). Desse tempo subsiste o castelo, cuja fundação data do século XII, mas que foi sendo significativamente remodelado ao longo dos séculos XV e XVI. Como um importante lugar defensivo da costa ocidental do Algarve, em 1280 Aljezur recebeu um foral do rei D. Dinis (r.1279-1325), neto de D. Afonso III. Em 1297, o monarca português doou a vila, o castelo e as igrejas de Aljezur à Ordem Militar de Santiago, que defendia o reino contra uma possível ofensiva árabe.

Estabelecido na margem da ribeira de Aljezur, o desenvolvimento urbano de Aljezur não revela períodos de crescimento significativamente rápidos. Durante uma visitação da Ordem de Santiago à vila, em 1448, foi relatado um estado de abandono do castelo, que apresentava grande ruína devido ao facto de as suas pedras terem sido pilhadas para a construção de outras edificações. A presença do Infante D. Henrique em Aljezur, que ganhou notoriedade a partir da segunda metade do século XV, contribuiu para proporcionar um cenário de desenvolvimento económico, como pode ser demonstrado pela nomeação de alguns escudeiros para cargos governamentais, particularmente um escrivão das sisas e um coudel.

É plausível que tais mudanças e dinamismo tenham sido um fator determinante para que o rei D. Manuel (r.1495-1521) atribuísse a Aljezur o estatuto de «vila honrada» no foral outorgado em 1504. Esta qualificação estava, todavia, mais relacionada com as instituições do que com o desenvolvimento urbano. De facto, nessa época, foi fundada a primeira Misericórdia do Algarve em Aljezur, e erguido um pelourinho, símbolo de poder e justiça.

Na segunda metade do século XVI, uma ameaça de ataque à costa algarvia era iminente. Diante desta situação, por volta de 1550, o secretário do rei D. João III (r.1521-1557), Pedro de Alcáçova Carneiro (1515-1593), realizou uma inspeção ao castelo de Aljezur para identificar possíveis fragilidades defensivas, e assim elaborar um plano para fortalecer a defesa da vila.



Durante o período da hegemonia espanhola, entre 1580 e 1640, Aljezur não teve um crescimento económico e social tão expressivo, em comparação com outras urbes algarvias. Segundo Henrique Fernandes Sarrão, na obra *História do Reino do Algarve (...)*, as principais razões para esse declínio foram a posição geográfica, distante dos principais centros urbanos, e o assoreamento do rio, que era a principal via de acesso à vila. No entanto, este cronista seiscentista destaca que a economia de Aljezur era essencialmente agrícola e que o município era um dos celeiros do Algarve, enfatizando também a produção de linho na região, comparando-a com a delicadeza da seda produzida noutras partes do mundo.

### ◀ 1.1. Castelo de Aljezur

O acesso ao castelo árabe de Aljezur é feito pela sua única entrada, a norte. No interior das muralhas é possível perceber que a elevada colina foi fortificada com o objetivo de proteger a vila, que se desenvolveu no respetivo sopé, em direção à ribeira de Aljezur. Constituído por uma muralha poligonal e guarnecido por duas torres, uma de planta quadrangular e outra circular, o castelo exerceu, durante séculos, o controlo, tanto dos acessos terrestres como fluviais e marítimos, da costa Vicentina. No interior da fortificação, existia uma cisterna para armazenar água, que era fundamental para a sobrevivência dos soldados e habitantes, em situações de cerco.

Para enfrentar as constantes ameaças, foram realizadas melhorias e adaptações nas muralhas para torná-las mais resistentes aos novos sistemas bélicos da época. Nesse contexto, Pedro de Alcáçova Carneiro, secretário do rei D. João III, foi encarregado de realizar uma vistoria para identificar pontos fracos nas defesas do castelo e elaborar um plano para reforçar as suas estruturas defensivas.

Nos séculos XVII e XVIII, o castelo de Aljezur passou por um período de decadência, sendo descrito como uma estrutura defensiva em ruínas. Entretanto, na década de 1940, a Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN)



iniciou as obras de restauro e conservação do castelo de Aljezur. Grande parte dos muros e torreões que hoje são visíveis foram restaurados nesse período. A importância

histórica do castelo de Aljezur foi determinante para a sua classificação como Imóvel de Interesse Público, em 1977.

## ◀ 1.2. Igreja da Misericórdia

Ao descer do castelo e seguindo pela estrada que se dirige para norte, encontra-se a igreja da Misericórdia, a mais antiga destas instituições do Algarve. As misericórdias foram fundadas pela coroa lusitana no final do século XV e eram instituições de assistência. Inicialmente, esta instituição esteve abrigada na antiga igreja Matriz, mas foi depois substituída pela atual igreja da Misericórdia. Em 1572, a Confraria e Irmandade da Misericórdia de Aljezur, empenhada em dotar-se de um espaço próprio de culto, dirigiu um pedido ao rei D. Sebastião (r.1557-1578)

a manifestar esta vontade. No entanto, como a vila pertencia à Ordem de Santiago, a Irmandade estava impedida de erguer uma nova igreja sem um consentimento expresso. Na resposta ao pedido, D. Sebastião concedeu a autorização desejada naquele mesmo ano. As obras da igreja da Misericórdia foram concluídas em 1577, conforme atesta uma inscrição gravada sobre o portal. Infelizmente, apenas o portal renascentista simples permanece como testemunho do templo original, datando o restante edifício de períodos mais recentes.

## ◀ 1.3. Museu Municipal de Aljezur

Neste espaço museológico podem ser vistas peças arqueológicas descobertas durante inúmeras campanhas de escavações realizadas no interior do castelo de Aljezur. Entre

os achados, destaca-se um importante conjunto de cerâmicas árabes, que contribuem para documentar o espólio doméstico desse período histórico. Além disso, as coleções



do Museu Municipal de Aljezur apresentam uma série de objetos etnográficos, tais como charruas, carroças, arados e outras ferramentas agrícolas, que testemunham o quotidiano, essencialmente rural,

que caracteriza a vila de Aljezur. A representação de um quarto e uma cozinha, que segue os modelos tradicionais algarvios, também faz parte deste conjunto.

#### ▼ 1.4. Fortaleza da Arrifana

A fortaleza da Arrifana assumia-se como um dos principais baluartes defensivos da vila de Aljezur. Erguida no reinado de D. Filipe III de Portugal e IV de Espanha (r.1621-1665), tinha como propósito salvaguardar a pesca do atum e da costa atlântica. Estrategicamente situada,

permitia controlar uma enseada onde eram frequentes as incursões de piratas mouros. Além disso, esta fortaleza desempenhava um papel crucial na defesa da vila de Aljezur e das pequenas povoações espalhadas nas imediações. Mesmo antes do terramoto de 1 de novembro de





1755, o engenheiro militar Francisco Lobo Cardenal constatou que tanto o interior como o exterior do forte se encontravam bastante degradados. Segundo o levantamento por ele efetuado em 1754, a fortaleza da Arrifana apresentava uma estrutura

retangular que envolvia todo o promontório. Nessa planta, é possível observar o traçado das residências dos armadores da armação de atum, assim como dois canhões apontados para o mar.

### ▲ 1.5. Forte da Carrapateira e Igreja de Nossa Senhora da Conceição

Relacionado com forte da Arrifana surge o forte da Carrapateira, cuja edificação remonta ao ano de 1673. Esta estrutura defensiva

tinha como finalidade proteger a região dos contínuos assaltos que os piratas mouros faziam naquelas praias. Contudo, a sua eficácia em

termos defensivos suscita algumas dúvidas, pois segundo o referido engenheiro militar Francisco Lobo Cardenal, dada a sua posição demasiado recuada, considerou que «ela não defende muito a costa, porque está muito para dentro». A construção do forte da Carrapateira foi ordenada pelo então Capitão-General do Reino do Algarve, D. Nuno da Cunha de Ataíde, Conde de Pontével, como testemunha uma epígrafe presente na parede lateral da igreja de Nossa Senhora da Conceição. Este forte apresenta uma planta poligonal

estrelada, denotando uma conceção avançada para a sua época. A escolha do sítio para erguer o forte coincidiu com a localização de um antigo templo, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, que data de tempos anteriores. Esta igreja ostenta uma aparência imponente, com um portal principal ricamente decorado com elementos manuelinos e uma torre sineira situada lateralmente. A presença de contrafortes numa das paredes laterais atribui ao templo uma aparência de estrutura fortificada, que dialoga com a fortificação que a rodeia.



- 2.1. Fortaleza do Cabo de São Vicente
- 2.2. Forte do Beliche
- 2.3. Fortaleza de Sagres
- 2.4. Forte do Zavial
- 2.5. Forte de Almádena
- 2.6. Igreja Matriz de Vila do Bispo
- 2.7. Museu de Vila do Bispo - O Celeiro da História de Vila do Bispo
- 2.8. Igreja Matriz da Raposeira
- 2.9. Ermida de Nossa Senhora da Guadalupe
- 2.10. Igreja de São Sebastião - Budens

# Vila do Bispo

## Introdução histórica

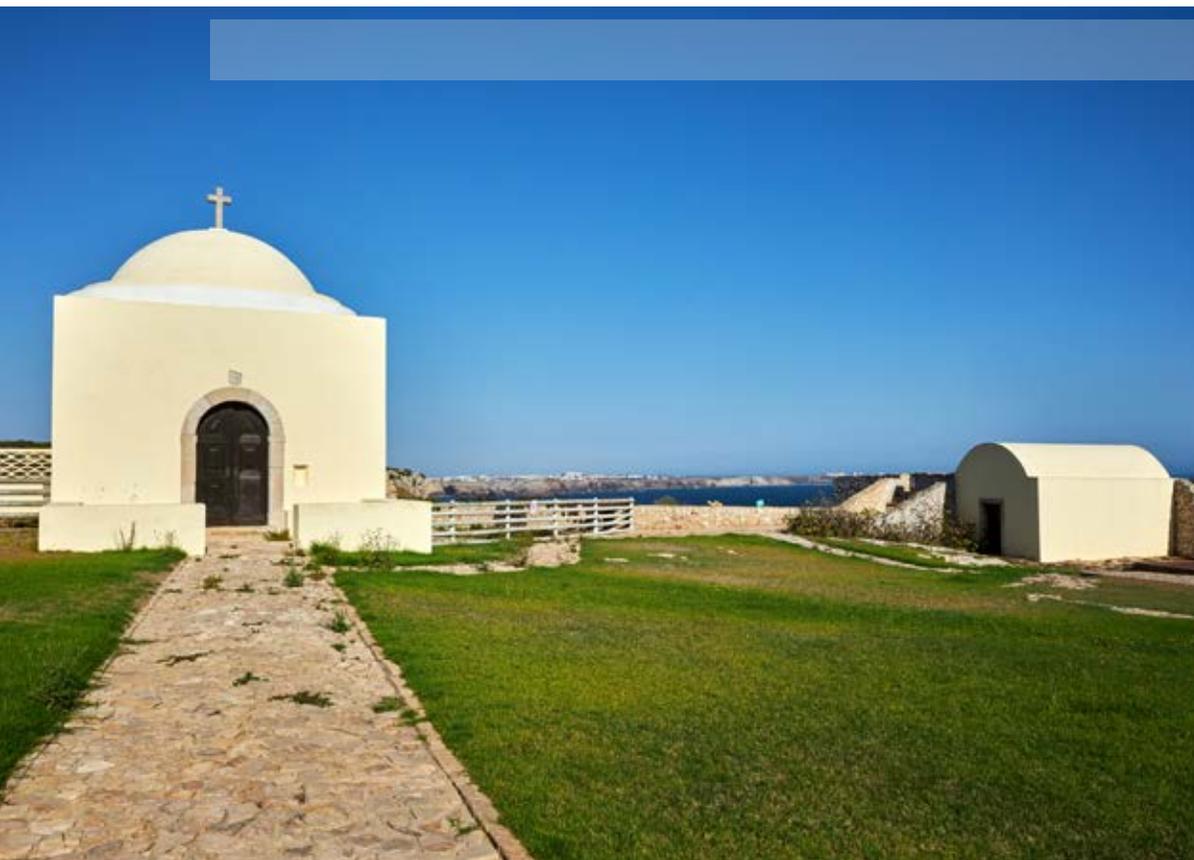
O território de Vila do Bispo estende-se até o promontório de Sagres, um ponto avançado sobre o mar, que sempre andou associado a mistérios e perigos. Dali se avistava desde longe quem se aproximava das povoações, vindo do lado do mar, o que justificava a construção de uma primeira linha defensiva. O concelho de Vila do Bispo, situado no extremo ocidental do Algarve, é composto desde o século XVIII por cinco antigas freguesias: Vila do Bispo, Raposeira, Sagres, Budens e Barão de São Miguel. Faz fronteira a norte com o concelho de Aljezur e a leste com o concelho de Lagos. Recuando no tempo, os documentos atestam uma grande importância destas aldeias, que outrora pertenciam ao bispado de Silves. Em 1374, o rei D. Fernando I (r.1367-1383) retirou da alçada jurisdicional de Silves as aldeias que ficavam entre Lagos e Sagres. Esta nova demarcação retirava à cidade bispal os impostos que colhia na qualidade de sede soberana deste território. Assim, as aldeias da Raposeira, do Bispo, da Graça e da Figueira passaram para o domínio de Lagos. Naquela época, a produção de cereais constituía a principal atividade económica deste território. Todavia, embora a agricultura fosse a atividade predominante, muitos habitantes combinavam os seus trabalhos agrícolas com as atividades marítimas. Sagres, na extremidade do concelho, está intimamente ligada às primeiras viagens de expansão marítima portuguesa. Na tradição historiográfica, Sagres é reconhecida como um local onde uma mítica «escola» de navegadores realizou essas pioneiras navegações sob o comando do Infante D. Henrique, conhecido como o Navegador. Contudo, a historiografia mais recente negou a existência de tal «escola» em Sagres.



## ◀ 2.1. Fortaleza do Cabo de São Vicente

A fortaleza do Cabo de São Vicente foi construída no século XVI e fazia parte do conjunto defensivo do Promontório Sacro. Localizada no ponto mais a sudoeste de Sagres, este reduto defensivo foi erguido num local onde poderão existir vestígios de um mosteiro medieval que abrigou os restos mortais de São Vicente. O mosteiro em questão foi mencionado no relato da *Jornada* do rei D. Sebastião ao Algarve de João Cascão (1577), aí se relatando

que o monarca assistiu a missas nos dias 22 e 23 de janeiro de 1573. Nos levantamentos das fortificações do Algarve, datados de 1754, o engenheiro militar Francisco Lobo Cardenal, observou que o cabo no qual a fortaleza está construída é naturalmente forte, e ainda menciona a presença de um convento de frades franciscanos nesse lugar. As fundações do farol, construído em 1904, provavelmente cobrem os vestígios desse complexo medieval.



## ◀ 2.2. Forte do Beliche

A fortaleza do Beliche (ou Belixe) foi construída entre Sagres e São Vicente, possivelmente no final do século XVI ou início do século XVII. Em 1754, o engenheiro militar Francisco Lobo Cardenal mencionou que a fortaleza era eficaz na defesa de uma enseada chamada de

«o tonel». A fortaleza tem uma planta retangular e é reforçada por três baluartes que ficam voltados para a parte terrestre. No seu interior, pode-se observar um torreão, uma bateria, um paiol, uma cisterna e uma capela dedicada a Santa Catarina.







### ◀ 2.3. Fortaleza de Sagres

Posicionada num promontório que desde o período romano era conhecido por *Promunturium Sacrum*, por ser considerado sagrado e fonte de proteção divina para os homens e para as suas aventuras marítimas, a Fortaleza de Sagres, classificada como Monumento Nacional desde junho de 1910, destaca-se como um ponto avançado de defesa contra os perigos que vinham do lado do mar. Esta posição permitia avistar de longe qualquer embarcação. A fortaleza é de planta poligonal, reforçada com dois baluartes e baterias de artilharia que remontam à segunda metade do século XVI. No interior desta fortaleza, existem vestígios preservados do período Henriquino, como a igreja de Nossa Senhora da Graça e uma cisterna. De acordo com os registos históricos, a cisterna foi

utilizada como medida para estabelecer a largura das casas, que foram construídas de forma harmonizada, sem avançar mais uma sobre a outra. Henrique Fernandes Sarrão, escritor natural de Lagos, durante o reinado de Filipe II de Portugal e II de Espanha (r.1598-1621), refere no seu texto que existiam vinte e quatro casas dentro da fortaleza, semelhantes entre si, com uma casa dianteira e uma câmara. Estas moradias eram dispostas uma ao lado da outra, com as portas voltadas para um terreiro pedregoso. Durante os séculos XVII e XVIII, a fortaleza e o seu interior passaram por diversas obras de remodelação.

Existe na fortaleza de Sagres um moderno centro de interpretação, dedicado ao período dos descobrimentos e da expansão portuguesa.



### ◀ 2.4. Forte do Zavial

A *Geografia* de Al-Idrisi, datada da segunda metade do século XII, menciona um povoado ou aldeia com um porto localizado entre *Xilb* e *Saqrax* chamado *Zâwiyya*.

Devido à semelhança do topónimo e localização descrita pelo geógrafo, é possível que o nome Zavial possa derivar do topónimo árabe. Neste lugar, situado entre Lagos e Sagres,



próximo ao mar, foi erguida uma fortaleza na primeira metade do século XVII. Assim como o forte de Almádena, a construção do forte do Zavial foi feita sob as ordens de D. Luís de Sousa, governador e capitão-geral do Reino do Algarve (1629-1633), com o objetivo de proteger a pesca do atum e a costa. Embora restem poucos vestígios, sabe-se que este reduto defensivo apresentava um polígono irregular,

que fortalecia uma pequena ilha que já não existe. A descrição que acompanha a planta deste forte revela que se optou por construir a fortificação na referida ilha, por ser considerada mais robusta e inexpugnável relativamente à posição de uma torre que ali existia em tempos mais recuados, também ela para proteger uma antiga armação de atuns.

## ◀ 2.5. Forte de Almádena

O forte de Almádena é uma construção da segunda metade do século XVII, erguida com o objetivo de proteger a costa atlântica e as armações de pesca das investidas inimigas. Desde a época romana que esta região é conhecida pela sua atividade pesqueira e, no século XVI, a armação do Almádena destacava-se como uma das mais produtivas do Algarve. Contudo, as frequentes ameaças inimigas forçaram o rei D. Filipe III a ordenar a construção de uma fortificação no topo de uma falésia. Datado de 1632, o forte possui uma inscrição sobre a porta informando que a

construção foi realizada sob as ordens de D. Luís de Sousa, conde do Prado, que naquela época era governador capitão-geral do Reino do Algarve (1629-1633). Uma dedicatória a São Luís também é mencionada. Atualmente em estado bastante arruinado, o forte de Almádena apresentava, de acordo com um desenho atribuído ao engenheiro genovês Alexandre Massaii (15??-1638), uma planta poligonal abaluartada. O interior do forte contava com uma cisterna, para abastecer os residentes, e uma pequena capela, em torno da qual se distribuía as casas do capitão,

do capelão e do bombardeiro. Ainda no interior, mas junto aos muros do forte, erguiam-se as casas dos pescadores e armadores. Sobre a capela, uma legenda informa que existia um patamar mais alto, utilizado como torre de vigia e de tiro.

Do lado terrestre, a entrada para o forte era feita através de uma ponte levadiça que transpunha um fosso que contornava toda a estrutura, enquanto a porta de entrada era reforçada por um revelim.

## 2.6. Igreja Matriz de Vila do Bispo

A igreja Matriz da Vila do Bispo foi erigida nos primórdios do século XVI, como evidenciam algumas pedras trabalhadas dessa época. O traçado e a decoração atuais refletem as várias intervenções ocorridas ao longo do tempo. O interior

do templo é revestido com azulejos do século XVIII. Na sacristia existe um pequeno espólio de arte sacra, para além de outros objetos, entre os quais uma naveta relacionada com o Infante D. Henrique.



## 2.7. Museu de Vila do Bispo – O Celeiro da História de Vila do Bispo

Os «celeiros» de Vila do Bispo, antigos edifícios construídos na década de 1950 para o armazenamento dos cereais produzidos nesta região, foram reabilitados para se virem a tornar no Museu da Vila do Bispo – O Celeiro da História. Integrado no perímetro urbano, este museu pretende preservar a arquitetura industrial original para

acolher exposições sobre a história, o património e a biodiversidade desta parte do território. Neste museu, os visitantes poderão vir a encontrar um percurso museológico diferenciado, com exposições que retratam a herança coletiva do concelho da Vila do Bispo, abrangendo desde sua fundação geológica até descobertas paleontológicas





de icnofósseis de dinossauros, vestígios culturais remotos identificados pela arqueologia, momentos históricos e personagens importantes, arqueologia subaquática

de naufrágios e batalhas navais, a riqueza e singularidade da biodiversidade local, bem como a memória etnográfica das comunidades locais e da sua relação com o mar.

## ◀ 2.8. Igreja Matriz da Raposeira

A igreja matriz da Raposeira é um exemplar notável da arquitetura religiosa manuelina do Algarve, datada do final do século XV e inícios do século XVI, como atesta o portal principal ornamentado por duas arquivoltas com ornamentos caracteristicamente manuelinos. Existem relatos que sugerem a existência de uma modesta casa pertencente ao Infante D. Henrique na aldeia da Raposeira, onde este poderia

retirar-se para descansar. Além disso, esta aldeia desempenhou um papel importante durante a jornada do rei D. Sebastião ao Algarve, quando membros da comitiva real utilizaram a Raposeira como ponto de paragem entre os locais que o monarca desejava visitar. É possível que o destaque desta aldeia no âmbito da jornada se devesse à memória do Infante D. Henrique nesta zona do Algarve.

## 2.9. Ermida de Nossa Senhora da Guadalupe

Situada num vale aberto entre duas colinas, próxima à localidade de Raposeira, a Ermida de Nossa Senhora da Guadalupe é um dos poucos exemplares da arquitetura tardo-gótica no Algarve e uma das igrejas mais antigas da região.

A data exata da sua construção ainda é desconhecida. Contudo, durante a época do Infante D. Henrique, encontram-se algumas referências à igreja, como na *Crónica dos Feitos da Guiné*, escrita pelo cronista Gomes Eanes de



Zurara no século XV, que menciona o envio de Lançarote e outros capitães a «Santa Maria de augua de Lupe», indicando a localização, que era no termo de Lagos. Possui uma fachada de composição simples, na qual se destaca o portal de arquivoltas ogivais e encimado por uma rosácea. No interior destaca-se o arco triunfal, que separa a nave central do altar-mor, que é sustentado por colunas e capitéis conhecidos como «cesto largo». Um desses capitéis apresenta uma decoração composta

por uma cabeça de bovino e outra humana. A capela-mor, por sua vez, apresenta uma planta retangular e é coberta por uma abóbada suportada por arcos ogivais, sustentados por oito colunas decoradas com capitéis esculpidos com motivos vegetalistas, humanos e animais. Existe junto a esta ermida um centro de interpretação dedicado ao Infante D. Henrique e à génese dos descobrimentos portugueses. Foi classificada como Monumento Nacional em 1924.



## 2.10. Igreja de São Sebastião – Budens

A construção da igreja de São Sebastião remonta ao século XVI e, ainda hoje, é possível encontrar no seu interior duas pias de pedra lavrada decoradas com motivos navais e vegetalistas. Acredita-se que existam outras pedras lavradas na antiga Casa do Povo, possivelmente provenientes da igreja de São Sebastião, como é o caso de

uma cantaria esculpida com uma corda torcida. Ao longo dos séculos, a igreja foi alvo de diversas intervenções, destacando-se as ocorridas em 1762, depois do grande sismo de 1755, e em 1969. Dotada de uma só nave e de estilo sóbrio, esta igreja ostenta um interessante portal setecentista.



3.2

3.1

3.12

3.9

3.10

3.8

3.7

3.13

3.11

3.6

3.4

3.5

3.3

3.14



- 3.1. Forte de Nossa Senhora da Luz
- 3.2. Igreja de Nossa Senhora da Luz - Lagos
- 3.3. Forte do Pinhão
- 3.4. Forte da Ponta da Bandeira
- 3.5. Porta do Mar ou Porta da Ribeira
- 3.6. Estátua de Gil Eanes
- 3.7. Porto e Baía de Lagos

- 3.8. Palácio dos Governadores e Janela de D. Sebastião
- 3.9. Núcleo Museológico do Mercado de Escravos
- 3.10. Estátua do Infante D. Henrique
- 3.11. Antigo Portal da Igreja do Santo Espírito - Museu Municipal Dr. José Formosinho
- 3.12. Igreja de São Sebastião e Capela dos Ossos
- 3.13. Muralhas de Lagos
- 3.14. Forte da Meia Praia



# Lagos

## Introdução histórica

Lagos tornou-se a vila mais importante do Algarve no final dos tempos medievais. Por ser uma vila portuária, Lagos estava no centro da rota comercial marítima entre Portugal e a costa ocidental africana. Antes das expedições ultramarinas, os mouros oriundos do Norte de África costumavam atracar na baía de Lagos, deixando os habitantes locais receosos. Foi esta proximidade com os «lugares de Além» que permitiu o estreito contacto com o Norte de África, dinamizado pelo Infante D. Henrique. Após a conquista de Ceuta, em 1415, Lagos, assim como Faro e Tavira, tornaram-se importantes pontos de apoio às expedições marítimas, fornecendo recursos humanos e mantimentos necessários para assegurar e dominar as novas terras conquistadas. Lagos e o reino do Algarve desfrutaram de um período de grande prosperidade durante os séculos XV e XVI, devido ao papel fundamental que desempenharam na expansão ultramarina portuguesa. A escolha de Lagos pelo Infante D. Henrique como base de operações deveu-se à sua localização geográfica vantajosa, com acesso a uma grande baía e um porto natural. Além disso, de acordo com a *Crónica da Conquista da Guiné*, de Gomes Eanes de Zurara, a população local, com a sua vasta experiência na navegação e pesca, contribuiu para o sucesso dos projetos de descobrimento e expansão portugueses.

Durante o reinado de D. Manuel I, Lagos viveu uma fase de grande crescimento urbano, que se estendeu para além da ribeira dos Touros. Uma praça surgiu na foz desta ribeira, e em torno dela foram erguidos os edifícios mais importantes da cidade, como a Misericórdia, a Casa da Câmara, o Hospital Militar e, na segunda metade do século XVII, a Vedoria (edifício conhecido como Mercado de Escravos). Um segundo momento na história de Lagos veio a definir a sua importância no âmbito económico e militar. No decorrer do século XVI, Lagos converteu-se num relevante centro de comércio



marítimo, que era notório pela feitoria das Almadravas. A pesca tornou-se o principal sustento económico da população, em paralelo com a produção de sal, elemento essencial para a preservação do peixe, e a construção de embarcações nas taracenas. A importância estratégica militar de Lagos destaca-se pela sua imponente fortificação abaluartada, projetada pelo principal arquiteto militar do rei D. João III, Miguel de Arruda, entre 1550 e 1556.

### ◀ 3.1. Forte de Nossa Senhora da Luz

Importante para a defesa da costa de Lagos, o forte da Luz, erguido por volta de 1670, tinha como objetivo substituir uma antiga torre que existiu na Praia da Luz, por iniciativa de D. Nuno de Mendonça, governador geral do Reino do Algarve. O forte seiscentista era de planta poligonal, guarnecida com quatro baluartes em cada ângulo, que apontavam para

diferentes pontos. O forte da Luz, em conjunto com o forte da Ponta da Bandeira e o forte da Meia Praia, atuava na defesa da baía de Lagos, onde grandes armadas e outras embarcações ancoravam. Em 1894, a fortaleza foi vendida em hasta pública e comprada por um particular, que construiu uma casa no interior, preservando a arquitetura da fortaleza.



### ◀ 3.2. Igreja de Nossa Senhora da Luz – Lagos

A igreja da Luz, situada na proximidade das ruínas romanas da Luz, tem as suas raízes num pequeno templo tardo-gótico, do qual sobrevivem vestígios, como o arco ogival que precede a capela-mor. A abóbada de nervuras e as pias de água benta indicam que a igreja

passou por reformas no reinado de D. Manuel, conforme atesta a data de 1521 inscrita no zimbório da capela-mor. A fachada principal apresenta um portal em arco contido por uma moldura definida por duas pilastras, sobre o qual se abre um óculo. A fachada lateral voltada



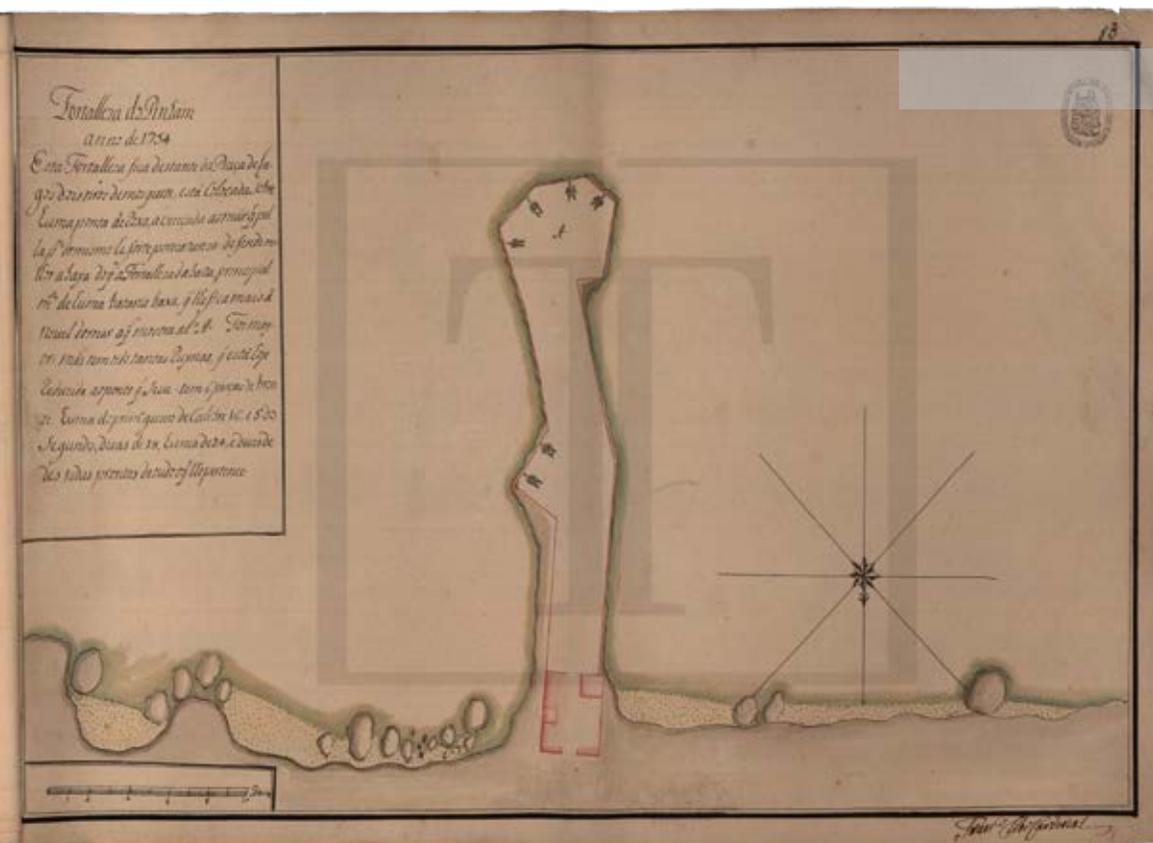
para o norte é sustentada por cinco contrafortes. Ao longo dos séculos, a estrutura do templo sofreu diversas ampliações e restaurações. Em 1624, foi erguida uma cerca em torno do edifício, e, em 1874, houve

a reconstrução do corpo da igreja. O terramoto de 28 de fevereiro de 1969 provocou danos consideráveis neste templo, tendo sido imediatamente reedificado.

### 3.3. Forte do Pinhão

O forte do Pinhão, edificado na primeira metade do século XVI, no sul de Lagos, inseria-se na estrutura defensiva desta urbe. A sua principal função era proteger a praia onde desembarcavam os atuns, valiosa produção para a economia local. Atualmente são poucos os vestígios desse forte, mas sabe-se que foi erguido na parte superior da arriba do Pinhão. Na praia do

Pinhão foram encontrados restos de estruturas da fortificação antiga, incluindo um projétil de ferro ou bala de canhão encontrado dentro da água. A forma do forte pode ser visualizada por meio do projeto de fortificação de Lagos (1550-1556) e do levantamento realizado, em 1620, pelo engenheiro militar genovês, Alexandre Massai.



### 3.4. Forte da Ponta da Bandeira

O forte da Ponta da Bandeira (ou do Pau da Bandeira) é uma fortificação costeira que foi construída na segunda metade do século XVII, com o objetivo de proteger o porto e a baía de Lagos. Tem planta quadrangular, com guaritas de cantaria mais recentes nos ângulos. O acesso é feito

por uma ponte levadiça. No portal, existe uma inscrição revelando ser uma obra principiada pelo conde de Sarzedas, Luís Lopo da Silveira, que era o governador e capitão-general do Algarve, no último quartel de seiscentos. No interior, conservam-se as dependências, as plataformas



da artilharia e a capela de Santa Bárbara, revestida de azulejos. Bastante arruinado pelo sismo de 1755, o forte foi reedificado no final do século XVIII, por iniciativa do conde de Vale de Reis, como atesta

uma lápide com uma inscrição relativa às obras, bem como a planta do forte desenhada pelo engenheiro militar José de Sande Vasconcelos (1738-1808).

### 3.5. Porta do Mar ou Porta da Ribeira

A denominada porta do Mar ou da Ribeira, em Lagos, é uma entrada emblemática que proporciona acesso à zona ribeirinha da cidade. Esta entrada era protegida por duas torres albarrãs, de planta quadrada, avançadas relativamente à muralha, ligadas a esta por passadiços. Devido à sua posição estratégica em frente ao mar, e consequentemente mais suscetível a investidas de piratas mouros, essa secção da muralha foi erguida no final do século XIII, configurando-se como o primeiro troço da muralha medieval a ser construído.

Na sua passagem por Lagos, o Infante D. Henrique incentivou o desenvolvimento da área extramuros conhecida como Ribeira, onde concedeu licenças para que diversos mercadores e pescadores construíssem habitações. Essas casas alinhavam-se com as torres albarrãs e formavam uma rua que acompanhava o muro da cidade. Infelizmente, essa configuração perdeu-se irreversivelmente com a 'limpeza' das muralhas e a abertura da Avenida dos Descobrimentos em 1960, obra integrada nas comemorações nacionais do quinto centenário da morte do Infante D. Henrique.



### 3.6. Estátua de Gil Eanes

Gil Eanes, nascido em data incerta em Lagos, por volta de 1400, é conhecido por ter sido escudeiro do Infante Dom Henrique, tendo ingressado ao seu serviço por volta de 1416, quando o Navegador iniciou frequentes visitas ao Algarve. A proeza de Eanes, juntamente com a dos seus anónimos companheiros, maioritariamente oriundos de Lagos, é tida como uma verdadeira revolução cultural para a época. A bordo de uma embarcação armada pelo Infante, provaram que o Mar Tenebroso era navegável, que era possível passar para além do cabo Bojador e voltar. Este feito desmistificou muitas das crenças até então vigentes sobre o mar-oceano,

como a ideia de que os navios eram tragados por monstros marinhos ou de que as águas do mar eram ferventes. De regresso ao porto de partida, Gil Eanes entregou ao Infante um molho de *rosas de Santa Maria*, colhidas para lá do Bojador e talvez identificáveis com *Anastatica hierochuntica*. Gil Eanes continuou a participar em viagens de descobrimento nos anos subsequentes, e nomeadamente nas grandes expedições que entre 1444 e 1446 foram organizadas a partir de Lagos, com o intuito de explorar geográfica e comercialmente a costa de África que se estendia para sul daquele cabo. Desconhece-se a data da sua morte.

### 3.7. Porto e Baía de Lagos

A construção de uma nova e imponente muralha defensiva, que decorreu entre 1550 e 1627, não só protegeu a cidade de Lagos, mas também eliminou o antigo cais medieval, que por muitos séculos ligou esta localidade ao mar. Naquele tempo, considerava-se porto uma

faixa de terra situada em frente das portas da Ribeira e da Vila, onde anteriormente corria a ribeira dos Touros. Foi nessas margens da foz e da ribeira que ocorreu a primeira venda de escravos, trazidos por Lançarote de Freitas, escudeiro do Infante D. Henrique, do Norte da





África em 1443-1444. Na *Crónica da conquista da Guiné*, o cronista Gomes Eanes de Zurara refere que a venda desses primeiros escravos aconteceu extramuros, num campo localizado além da porta da Vila.

Depois desta venda histórica, o porto de Lagos foi transformado na zona mais movimentada da urbe. Neste local, o peixe que chegava à vila era salgado, as embarcações eram montadas, foram construídas residências, e pequenos armazéns ligados às atividades marítimas abasteciam o porto. Contudo, no final do século XV, quando Lagos se consolidou como um centro de comércio internacional, o porto mostrou-se inadequado para as suas ambições. Para resolver essa situação, o rei D. João II (r.1477-1495), desejoso de incrementar o desenvolvimento e a expansão da navegação e do comércio marítimo

a partir do porto de Lagos, ordenou a renovação deste espaço com a edificação de duas estruturas fundamentais: um estaleiro (tarcenas), destinado à construção de navios e armas, e uma alfândega, responsável pelo registo de todos os produtos importados e exportados que circulavam neste porto.

A história e a transformação deste porto estão intrinsecamente ligadas às sucessivas alterações e ampliações urbanas de Lagos. No reinado de D. Manuel I, a vila experimentou uma expansão urbana que transpôs a ribeira dos Touros. A partir desse momento, o porto passou a desempenhar simultaneamente o papel de praça pública. Inicialmente, esta praça era delimitada por habitações particulares, erguidas em torno da antiga foz da ribeira dos Touros, tendo um pelourinho no centro, além de

abrigar a Misericórdia e uma nova Casa da Alfândega. As escavações arqueológicas desenterraram uma parte do cais do porto, que consistia em duas rampas pavimentadas por

grandes blocos de pedra regulares. A rampa mais antiga é a que está encostada à muralha, enquanto a outra, mais recente, é composta de pedra e cimento.

### 3.8. Palácio dos Governadores e Janela de D. Sebastião

Entre os muitos detalhes que se destacam no relato da *Jornada do rei D. Sebastião ao Alentejo e ao Algarve*, um deles é o Palácio dos Governadores, notável pela sua janela de moldura renascentista. Situado dentro das muralhas medievais, no canto inferior direito, o chamado Palácio dos Governadores recebeu esta denominação por ter sido a residência dos governadores de armas e capitães-generais do

Algarve, cargo instituído pelo rei D. Sebastião na segunda metade do século XVI. A janela renascentista é um dos poucos vestígios que restam do antigo palácio, que sofreu graves danos no terramoto de 1 de novembro de 1755. Terá sido justamente nesta janela que, em janeiro de 1573, D. Sebastião assistiu às festividades e a uma corrida de touros que o concelho mandou organizar para recebê-lo.





### 3.9. Núcleo Museológico do Mercado

#### ◀ de Escravos

O edifício denominado «Mercado de Escravos», atualmente transformado em núcleo museológico, foi construído na segunda metade do século XVII para funções de Vedoria Geral, responsável pela administração e cobrança de rendas destinadas à fortificação do Reino do Algarve, organismo que só existia nas principais sedes militares. Na fachada existe uma pedra com as armas de Portugal e, em baixo desta, outra pedra que remete para o 2º marquês de Nisa, D. Francisco Luís Baltazar António da Gama. Este governador e capitão-general do Algarve, na década de 1680, foi possivelmente responsável por alguma

campanha de obras levada a cabo na Vedoria. Após o terremoto de 1755, o edifício foi um dos primeiros a ser reedificado e passou a funcionar como Alfândega. As alterações realizadas foram significativas, tanto que foi necessário um intendente-geral das Alfândegas de Lisboa para vistoriar as obras. Na tentativa de preservar o importante edifício, o inspetor que vistoriou as obras considerou que a edificação poderia ser considerada um monumento histórico, sugerindo que terá sido o primeiro mercado de escravos dos tempos modernos. Desde então, a antiga Vedoria passou a ser conhecida como «Mercado de Escravos».

#### ◀ 3.10. Estátua do Infante D. Henrique

O Infante D. Henrique nasceu em 1394 na cidade do Porto. Era filho do rei D. João I e de D. Filipa de Lencastre (princesa inglesa que era neta do monarca britânico Eduardo III). Depois de ser nomeado governador de Ceuta em 1419, D. Henrique tornou-se o principal

impulsionador dos descobrimentos portugueses, organizando as primeiras grandes expedições de exploração marítima a partir do porto de Lagos. Sob sua tutela, foram realizadas as primeiras incursões ao longo da costa ocidental africana e pelas ilhas da Macaronésia,



entre outras extensões do oceano Atlântico, marcando uma importante viragem na história, ao abrir os caminhos que conduziram à primeira globalização. Apesar de não ter participado diretamente nas expedições marítimas de longa distância, D. Henrique é conhecido como «Navegador», em virtude do seu papel ativo na expansão marítima portuguesa.

D. Henrique faleceu em Sagres, a 13 de novembro de 1460. Inicialmente, o corpo foi levado para a igreja de Santa Maria em Lagos (que hoje já não existe, pois foi destruída pelo terremoto de 1755).

Em 1461, os restos mortais foram trasladados para o Mosteiro de Santa Maria da Vitória, situado na vila da Batalha, onde ainda permanecem. Em homenagem ao legado henriquino, uma estátua de bronze do Infante D. Henrique, da autoria do escultor Leopoldo de Almeida, foi erguida numa praça de Lagos, retratando com fidelidade a figura vestida de preto com o grande chapeirão que aparece representada nos misteriosos Painéis de São Vicente, obra artística do século XV que se conserva no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa.

### ◀ 3.11. Antigo Portal da Igreja do Santo Espírito – Museu Municipal Dr. José Formosinho

O antigo portal da igreja do Santo Espírito, agora instalado na entrada do Museu Municipal Dr. José Formosinho, é um testemunho da arquitetura renascentista em Lagos. Datado do século XVI, este portal é o único elemento arquitetónico que sobreviveu da igreja do Santo Espírito, que também foi chamada de igreja do Compromisso Marítimo. Esta igreja localizava-se

extramuros, próxima à porta da Vila. A composição do portal é composta por um arco de volta perfeita, ladeado por dois medalhões com figuras humanas, uma feminina e outra masculina, que compõem inequivocamente um programa iconográfico renascentista. A proporção e os elementos estilísticos do portal testemunham a presença e a influência dos cânones clássicos



em Lagos, configurando o primeiro Renascimento algarvio. É possível observar a combinação de elementos recorrentes no período manuelino, como as pedras talhadas em ponta de diamante, com figuras tipologicamente renascentistas nas

cantoneiras do portal. Este portal apresenta sinais de transição artística, e pode-se estabelecer uma ligação estilística com o portal lateral da igreja de São Sebastião, que também serviu como portal principal em tempos passados.

### ◀ 3.12. Igreja de São Sebastião e Capela dos Ossos

A igreja de São Sebastião, situada em Lagos, teve a sua origem como matriz de uma das freguesias da cidade, na segunda metade do século XV. Ao longo do tempo, passou por diversas reformas, sendo a mais significativa ocorrida durante o século XVI, quando o portal principal renascentista foi adicionado (atualmente na lateral). Este portal é um dos exemplos mais

interessantes e relevantes da arquitetura renascentista algarvia, composto por um arco de volta perfeita, pilastras com pedestais, figuras antropomórficas, aves e motivos vegetalistas. O entablamento apresenta um friso decorado com cabeças de querubim, enquanto as ilhargas do arco contêm figuras femininas e masculinas. Num dos redutos





exteriores, encontra-se a capela dos ossos, cujas paredes e teto são inteiramente revestidos com ossos

e crânios humanos. Este tipo de revestimento é uma prática comum em muitas igrejas.

### 3.13. Muralhas de Lagos

Durante o reinado de D. João III, a, então, vila de Lagos passou por uma importante transformação urbana, com a construção de novas fortificações. As muralhas abaluartadas de Lagos foram projetadas para serem plenamente adequadas às armas de fogo da época, tornando-se as primeiras deste género a serem construídas no Reino do Algarve. Esta iniciativa revelou a importância estratégica militar de Lagos, assim como da região do Barlavento algarvio em geral, sobretudo no contexto das expedições marítimas portuguesas que se realizavam na época. Os estudos para a nova cerca abaluartada iniciaram-se após a visita do secretário do rei, Pêro de Alcáçova Carneiro, em 1550. A construção da fortificação de Lagos seguiu a mesma lógica das fortificações ultramarinas erguidas durante este reinado, como a de Mazagão, a da ilha de Moçambique e a de São Salvador da Baía.

As muralhas lacobrigenses são um exemplo significativo no conjunto das fortificações construídas nesta época, especialmente porque foram projetadas pelo principal arquiteto militar do rei, Miguel de Arruda. O desenho do projeto das muralhas, atualmente depositado no Arquivo Militar de Estocolmo (Suécia), mostra o perímetro da fortificação e a linha dos futuros muros desenhados sobre as estruturas existentes. Algum casario teve de ser demolido para ultrapassar os obstáculos apresentados. A representação das igrejas de São Brás e de Porto Salvo, construídas a sul da vila com a contribuição de mercadores sicilianos em 1553, permitiu datar o desenho entre 1554 e 1556. A construção das muralhas abaluartadas de Lagos foi fundamental para proteger a cidade e a região em geral, especialmente no contexto das expedições marítimas portuguesas, que tinham Lagos como importante ponto de partida.

### 3.14. Forte da Meia Praia

Na segunda metade do século XVII, o conde de Pontével e governador D. Nuno da Cunha de Ataíde empreendeu um esforço significativo para assegurar a defesa da baía de Lagos, o que resultou na construção do forte de São Roque, na praia homónima. De planta poligonal e baluartes nos ângulos para permitir o tiro cruzado, o forte possuía um pátio central, que possivelmente abrigou um pequeno templo

dedicado a São Roque. O edifício sofreu danos causados pelo abalo de 1755, tendo sido reconstruído nos anos seguintes. Na primeira metade do século XIX, o forte perdeu definitivamente as suas funções defensivas e foi cedido à Alfândega de Lagos e à Guarda Fiscal. Como resultado, o espaço passou por uma remodelação substancial, incluindo a construção de um edifício de aquartelamento.





Arqueologia  
e  
Património



- 4.1. Castelo e Muralhas de Silves
- 4.2. Museu Municipal de Arqueologia de Silves
- 4.3. Sé de Silves
- 4.4. Igreja de Nossa Senhora dos Mártires
- 4.5. Ponte Medieval

# Silves

## Introdução histórica

Durante os séculos X a XII, Silves era uma das cidades islâmicas mais importantes da região de *Garb al-Andalus*. Em 1189, a cidade foi conquistada pelos cristãos pela primeira vez, no reinado de D. Sancho I (r.1185-1211). Contudo, dois anos depois, em 1191, os exércitos islâmicos retomaram a cidade. Foi somente após a segunda reconquista cristã, em 1249, que esta área urbana se tornou o centro político e religioso da região algarvia, ali tendo sido implementadas diversas reformas económicas, políticas e jurídicas. Até o século XV, o rio Arade era navegável até ao coração da cidade. O porto fluvial, localizado nas margens desse rio, desempenhou um papel crucial no comércio de Silves, já que grande parte dos seus negócios dependia em grande medida deste curso fluvial. Mas a importância desta localidade não se limitava ao seu papel económico, pois também desempenhava um papel central na vida religiosa algarvia. Até à segunda metade do século XVI, Silves era a cidade episcopal do Algarve, controlando um vasto território, rico e diversificado, onde residiam importantes cavaleiros, fidalgos, escudeiros, mercadores, lavradores e criadores de gado.

Em 1577, a transferência do bispado de Silves para a cidade de Faro, preparada pelo então bispo D. Jerónimo de Osório (1506-1580), levou consigo a elite eclesiástica e outras personalidades nobres. Essa mudança teve um impacto significativo no prestígio, tornando Silves menos relevante do ponto de vista do poder religioso, político e administrativo. O crescimento dos centros urbanos de Faro e de Lagos também pode ter contribuído para esse declínio, já que competiam com Silves por recursos e poder regional.





#### ◀ 4.1. Castelo e Muralhas de Silves

O castelo e as muralhas de Silves têm a sua história profundamente enraizada na herança árabe. Porém, a aparência atual destes sistemas defensivos medievais é resultado de diversas remodelações, que decorreram ao longo dos séculos. O castelo, estrategicamente posicionado no topo da colina, exercia o seu domínio sobre a margem direita do rio Arade, controlando seus caminhos e rotas. De planta poligonal, os robustos muros de taipa revestidos por barro de arenito vermelho testemunham uma técnica ancestral. Escavações arqueológicas no interior do castelo revelaram a existência de um complexo de banhos e residências, que remontam aos séculos XII e XIII. Foram também encontradas três cisternas e silos, estruturas muito importantes para a subsistência deste reduto, no caso de possíveis assédios.

O Castelo de Silves era rodeado e protegido por uma impressionante muralha, guarnecida com doze torres. O acesso ao seu interior era por meio de três portas: a porta da Azóia, a porta de Loulé e a porta da Almedina, esta última em forma de cotovelo, flanqueada por duas torres de tipo albarrã. A extensa e alta muralha que cercava o castelo era composta por várias torres quadrangulares, construídas em pedra vermelha. Contudo, a partir dos finais do século XV e também no século XVI, a decadência do sistema defensivo aumenta gradualmente, como evidenciado pelas constantes queixas apresentadas pelos homens-bons do concelho de Silves nas várias cortes, relativamente ao mau estado dos muros e torres. Apesar disso, em 1550, quando Pêro de Alcáçova Carneiro coletava fundos destinados às obras de fortificação, verificou-se que a cidade já havia tomado medidas para reparar os seus muros.



# Silves



## ◀ 4.2. Museu Municipal de Arqueologia de Silves

O Museu Municipal de Arqueologia de Silves alberga objetos provenientes das várias campanhas de escavações arqueológicas que decorreram na cidade e no seu concelho, a partir de 1980, e que permitem narrar parte da evolução histórica e cultural da cidade. O acervo é composto por uma ampla variedade de objetos de cronologias diversas. As peças islâmicas merecem uma atenção especial, uma vez que ilustram os quinhentos

anos da presença árabe na cidade, desde o século VIII até o XIII, abrangendo diferentes dinastias. No interior do museu, localizam-se *in situ* restos da muralha e um Poço-Cisterna correspondente ao período Almóada (séculos XII-XIII). O acervo do museu, com peças do Paleolítico ao séc. XVII, também inclui objetos do período dos descobrimentos (séculos XV e XVI), que evidenciam a presença de Silves nas rotas comerciais ultramarinas.



## ◀ 4.3. Sé de Silves

A sé de Silves é um edifício de grande importância histórica e arquitetónica que remonta ao período pós-conquista cristã da cidade, em 1189. A *Crónica do Rei D. Sancho I*, escrita por Rui de Pina (1440-1522), descreve a construção de uma igreja Catedral logo após a conquista de Silves pelos exércitos cristãos, onde se celebrou a primeira missa. Embora não haja muitas informações sobre a evolução construtiva deste importante templo, sabe-se que ele se tornou um símbolo do poder político e religioso de Silves

somente após a reconquista cristã definitiva, em 1249. A concessão de uma licença dada pelo rei D. Dinis para se gastarem mil libras nas obras da catedral, em 1320, demonstra a importância que o templo tinha adquirido naquela época. As origens da catedral de Silves estão ainda envoltas em mistério. Não se sabe se a igreja foi construída sobre uma mesquita ou se foi necessário remover partes da estrutura urbana islâmica para a sua construção. Em 2008, durante uma campanha arqueológica realizada em torno

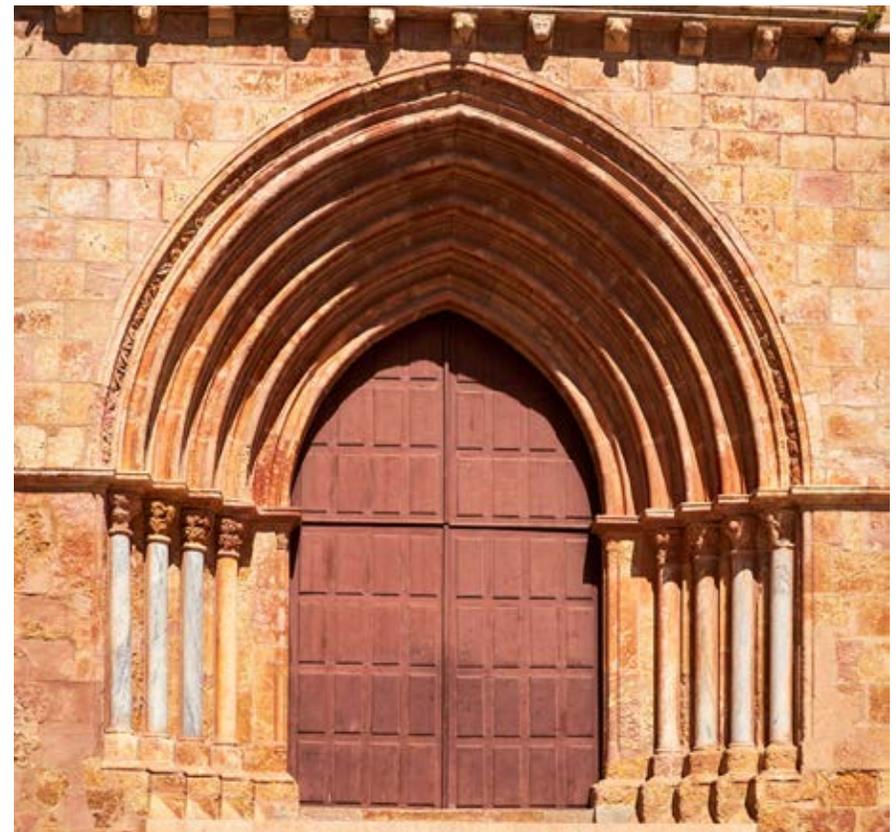


# ves

da catedral, foram identificadas algumas sepulturas no adro que, provavelmente, datam dos séculos XIII e XIV, e escavada uma cisterna do período Almóada (séculos XI-XII).

A parte mais antiga da Sé de Silves é a cabeceira, que apresenta notáveis semelhanças com a cabeceira da Sé da Guarda e com outros elementos do Mosteiro da Batalha. O portal principal é composto por cinco arquivoltas ogivais esculpidas em grés, uma pedra vermelha típica da região de Silves. Sob o bispado de D. Álvaro Pais (c.1275-c.1350), no final do século XV, a catedral

passou por uma grande reforma, que incluiu a ampliação e renovação de seu interior. Essa campanha de obras coincidiu com o momento em que D. Manuel I mandou transferir os restos mortais do rei D. João II da Sé de Silves para o Mosteiro da Batalha, em 1499, quatro anos após a sua morte em Alvor, a 25 de outubro de 1495. Desde 1922 que a sé de Silves é considerada Monumento Nacional, tendo sido submetida a várias obras de restauro, entre 1931 e 1955, pela Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN).





#### ◀ 4.4. Igreja de Nossa Senhora dos Mártires

A igreja de Nossa Senhora dos Mártires chamou a atenção do arquiteto e historiador alemão Albrecht Haupt, na sua jornada pela região por volta de 1880. Haupt reconheceu o valor artístico deste templo e destacou os seus elementos mais distintivos, como o coroamento de ameias e a gárgula do cunhal da cabeceira-mor, datadas da segunda

metade do século XV. A construção da igreja é rodeada de incertezas. Alguns historiadores apontam para uma construção que remonta à primeira conquista cristã de Silves, em 1189, para abrigar os corpos dos guerreiros cristãos. De facto, escavações arqueológicas no adro da igreja revelaram algumas sepulturas, corroborando esta hipótese.

#### 4.5. Ponte Medieval

◀ Durante a segunda metade do século XV, a margem norte do rio Arade em Silves era o centro económico da cidade. O desejo do concelho de construir seis boticas novas, uma Casa das Sisas e uma Casa do Sal para impulsionar ainda mais o comércio, demonstra a dinâmica desse período. A ponte que cruza o rio é, por sua vez, a materialização desse fervor económico, permitindo que mais e novos produtos chegassem a Silves por via terrestre. A primeira menção documental à

ponte aparece nas cortes de Lisboa de 1439, nas quais foi relatado que uma cheia do rio Arade tinha causado danos significativos a uma ponte de pedra. O concelho de Silves foi forçado a reconstruir a ponte, tendo as obras durado mais de uma década. A estrutura foi descrita em 1617 pelo engenheiro militar Alexandre Massai como «uma boa ponte de fábrica antiga». No decorrer dos anos, a ponte de Silves sofreu várias reconstruções que se prolongaram até o século XIX.





5.3

5.1

5.2

5.4



- 5.1. Igreja Matriz de Monchique
- 5.2. Igreja de São Sebastião
- 5.3. Convento da Nossa Senhora do Desterro
- 5.4. Igreja Paroquial de Alferce

# Monchique

## Introdução histórica

Monchique encontra-se estabelecida em plena serra entre os cerros da Foia e da Picota. Durante a primeira conquista cristã do Algarve, no ano de 1189, as hostes de D. Sancho I tomaram um lugar chamado *Munchite*, que se presume estar mais próximo das Caldas do que da atual sede de concelho. No entanto, somente nos finais do século XV é que Monchique passou a ter relevância para a coroa lusitana. No ano de 1486, o rei D. João II empreendeu um processo de aforamento e doações de terras nos arredores da Foia. Em 1495, Garcia de Resende, secretário particular do rei D. João II, relata que os médicos da corte diagnosticaram a hidropisia do monarca, tendo-lhe prescrito uma cura através de banhos termais, mais especificamente nas termas de Monchique. O monarca, convicto da eficácia do tratamento, ordenou a um seu escudeiro que providenciasse uma casa com as comodidades necessárias. Entretanto, apesar das esperanças, a terapia não surtiu o efeito desejado. O rei, muito debilitado, deslocou-se até Alvor onde acabou por morrer dias depois, sob suspeita de envenenamento.

No início do século XVI, Monchique testemunhou um notável aumento populacional e desenvolvimento económico. Um reflexo desse florescimento foi a criação da freguesia de Nossa Senhora da Conceição, no reinado de D. Manuel. A partir de então, todos os sacramentos (batismos, casamentos e mortes) eram registados nesta freguesia e celebrados na igreja Matriz. Neste período, a elite local fundou a irmandade da Misericórdia, cuja finalidade era prestar assistência médica e alimentar os mais desfavorecidos da região. O núcleo quinhentista da vila encontra-se em torno da igreja Matriz, construída na parte leste, nos primeiros anos do século XVI. Na proximidade deste templo, foi erguida a igreja da Santa Casa da Misericórdia, com o seu hospital, formando um largo que se tornou o espaço público mais importante de Monchique. Durante o reinado de D. João III, a construção naval



motivada pela expansão ultramarina experimentou um notável crescimento, o que contribuiu para o aumento da exploração das madeiras na serra de Monchique. Devido às suas características, as madeiras de castanho e sobreiro eram as mais apreciadas, sendo comercializadas para os principais estaleiros do Algarve, Lisboa e sul de Espanha, e amplamente utilizadas na construção dos mais diversos tipos de embarcações.

Durante o reinado de D. Sebastião, a vida económica em Monchique pode ter-se expandido ainda mais. Tal hipótese é sustentada pelo facto de este rei querer conferir o título de vila ao aglomerado urbano, por volta de 1573. Todavia, Silves opôs-se a este desejo, uma vez que esse estatuto representaria uma significativa autonomia administrativa. O lugar do Pomar Velho e a igreja de São Sebastião, situados a sudoeste da vila, são também do século XVI. Percorrendo estes pontos urbanos é possível vislumbrar um conjunto de habitações quinhentistas, que se destacam pelas suas molduras de portas e janelas com as arestas cortadas.

No século XVII, o lugar do Pomar Velho foi transformado pela presença marcante do convento da Nossa Senhora do Desterro, cuja edificação impulsionou a consolidação do espaço restante, ocupado por casas térreas e sobradadas. Naquele século, a crescente procura pelas termas locais despertou a atenção das elites religiosas e da coroa para a necessidade de cuidar da saúde e prevenir epidemias. A contínua procura pelas termas levou ao crescimento de Monchique, com a construção de novas instalações e a reparação de estradas e caminhos. Até ao início do século XIX, as termas foram alvo de regulares remodelações.

## ◀ 5.1. Igreja Matriz de Monchique

Acredita-se que a consagração da igreja Matriz de Monchique, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, remonta a 1495, durante a estada do rei D. João II nas

termas das Caldas. No entanto, a riqueza decorativa do portal principal, dos portais laterais e dos capitéis do interior do templo sugerem que a sua construção



possa ter ocorrido ao longo do reinado de D. Manuel. Durante a sua passagem por Monchique, em

26 de janeiro de 1573, o jovem rei D. Sebastião assistiu a uma missa nesta igreja.

## ◀ 5.2. Igreja de São Sebastião

A construção da igreja de São Sebastião em Monchique ocorreu por volta de 1573, após a passagem do rei D. Sebastião pela região. Este templo foi mencionado nas visitas pastorais de D. Lourenço de Santa Maria, em 9 de junho de 1754,

bem como nas visitas que foram realizadas pelo bispo do Algarve, D. Francisco Gomes do Avelar, em finais do século XVIII. A arquitetura da igreja é caracterizada pela simplicidade, com uma única nave e uma capela-mor em cúpula.





### ◀ 5.3. Convento de Nossa Senhora do Desterro

O convento da Nossa Senhora do Desterro, edificado em 1631 por iniciativa de D. Pedro da Silva, governador da Índia, na vila de Monchique, apresenta-se como o único exemplo da presença da Ordem Terceira da Penitência, no Algarve. A igreja, de uma grande austeridade arquitetónica, é constituída por uma única nave

e uma capela-mor quadrangular, que ostenta uma fachada principal rematada por um frontão e um arco. As dependências do complexo conventual, situadas a ocidente da igreja, juntamente com o seu claustro, sofreram graves danos com o sismo de 1 de novembro de 1755, deixando a estrutura em estado de ruína, até aos dias atuais.

### 5.4. Igreja Paroquial de Alferce

A igreja Paroquial de Alferce foi edificada em finais do século XV ou inícios do século XVI, como o testemunham o portal principal, com um arco ligeiramente ogival, e uma primitiva imagem em pedra do padroeiro, São Romão. No reinado de D. Sebastião, o templo passou por uma renovação conforme

atesta a inscrição gravada no arco da capela-mor: D.S. ROMÃO MARTERE DE 1578. Além disso, uma pedra de fecho da abóbada apresenta um busto com elmo acompanhado da inscrição CASCAO A FEZ, possivelmente referente ao patrocinador da obra.



Monchique

## 6. Guia bibliográfico

O Barlavento algarvio, nos séculos XV e XVI, desempenhou um notável papel na dinâmica nacional, que estava então especialmente voltada para o exterior, com o desenvolvimento de grandes viagens marítimas e a construção de um vasto e disperso império ultramarino. O leitor mais interessado poderá aprofundar os seus conhecimentos sobre este período histórico através do conjunto de obras que de seguida se apresentam de forma resumida.

BOTÃO, Maria de Fátima – *Silves, Capital de um Reino Medieval* (Silves: Câmara Municipal de Silves, 1998). Segunda edição de uma monografia originalmente publicada em 1992, que estuda a evolução histórica da cidade de Silves, com dados relevantes sobre o século XV.

CORRÊA, Fernando Cecílio Calapez – *A Cidade e o Termo de Lagos no período dos Reis Filipes* (Lagos: Centro de Estudos Gil Eanes, 1994). Uma investigação histórica muito desenvolvida sobre toda a região do Barlavento algarvio nos séculos XVI-XVII, com dados importantes sobre a vida económica e social desta região.

COSTA, João Paulo Oliveira e – *Henrique, O Infante* (Lisboa: Esfera dos Livros, 2013). Segunda edição da mais recente e mais rigorosa biografia do Infante D. Henrique, que se baseia numa exaustiva exploração das fontes quatrocentistas. O papel do Algarve, e em especial do Barlavento algarvio, é especialmente destacado neste estudo.

GARCIA, José Manuel & CUNHA, Rui – *Sagres* (Vila do Bispo: Câmara Municipal de Vila do Bispo, 1990). Monografia sobre Sagres, centrada na história dos séculos XV e XVI, que explora as ligações do Barlavento algarvio com a expansão marítima portuguesa. Obra muito ilustrada, que reúne muita da iconografia disponível sobre a região.

GUERREIRO, Manuel Viegas & MAGALHÃES, Joaquim Romero (eds.), *Duas Descrições do Algarve do Século XVI* (Lisboa: Sá da Costa Editora, 1983). Obra que publica a «Corografia do Reino do Algarve» (1577), de Frei João de São José, e a «História do Reino do Algarve» (1607), de Henrique Fernandes Sarrão, duas importantes descrições do Algarve, que são precedidas de um estudo introdutório.

LOUREIRO, Francisco de Sales – *Uma Jornada ao Alentejo e ao Algarve* (Lisboa: Livros Horizonte, 1984). Após uma desenvolvida introdução sobre o rei D. Sebastião e o seu interesse pelo Algarve, esta obra inclui uma edição da crónica da viagem que o monarca fez ao Algarve em 1573, da autoria do cronista João Cascão. Inclui numerosos pormenores sobre os centros urbanos algarvios, as principais fortificações e as forças militares organizadas.

LOUREIRO, Rui Manuel – *Lagos e os Descobrimentos até 1460* (Lagos: Câmara Municipal de Lagos, 2008). Segunda edição de um estudo originalmente publicado em 1991, que apresenta uma síntese sobre o papel desempenhado pelo porto de Lagos, e o seu *hinterland*, no processo da expansão marítima dinamizada pelo Infante D. Henrique. Inclui guia de leitura e uma seleção de documentos.

MAGALHÃES, Joaquim Romero – *Para o estudo de Algarve económico durante o século XVI* (Lisboa: Edições Cosmos, 1970). A melhor e mais rigorosa síntese sobre a história do Algarve no período da primeira globalização (séculos XV-XVI), simultaneamente atenta às particularidades regionais e ao contexto nacional e internacional, e baseada numa ampla pesquisa arquivística. Uma obra que na época revolucionou a historiografia do Algarve. Existe uma edição recente: *O Algarve económico durante o século XVI* (Loulé: Sol, Sul e Sal, 2019).

MAGALHÃES, Natércia – *Algarve – Castelos, Cercas e Fortalezas: As Muralhas como Património Histórico* (Santo Antão do Tojal: Letras Várias, Edições e Arte, 2008). Estudo muito documentado e muito ilustrado, com rigorosas descrições históricas e arquitetónicas sobre as construções defensivas da região do Algarve.

MATEUS, Ana Rita Santos – *A Elevação de Monchique a Vila* (Monchique: Câmara Municipal de Monchique, 2022). Recente monografia dedicada à história da vila de Monchique, que fornece dados essenciais sobre a evolução deste centro urbano desde a época da reconquista cristã.

PEREIRA, Daniela Nunes – *A evolução urbanística de Lagos (séculos XV-XVIII)* (Faro: Direção Regional de Cultura do Algarve, 2017). Este livro traz à luz uma grande quantidade de fontes documentais e cartográficas para discutir as transformações urbanas e arquitetónicas de Lagos, que entre os séculos XV e XVI era a urbe mais importante do Algarve. Discutem-se as origens da urbe, incluindo a formação das ruas, das praças, das casas, bem como o papel do rei D. Manuel I na gestão da urbanização de Lagos.

SILVA, Gonçalo Miguel Correia Melo da – *As portas do mar oceano: vilas e cidades portuárias algarvias na idade média (1249-1521)* (Loulé: Sul, Sol, Sal, 2023). Este livro apresenta uma análise abrangente da rede portuária das vilas e cidades portuárias algarvias, entre os anos 1249 e 1521. Explora aspetos como a formação, a evolução e o funcionamento dessa rede urbana portuária, a existência de uma hierarquia entre os assentamentos portuários, bem como o impacto das atividades marítimas na configuração da paisagem urbana.

VENTURA, Maria da Graça M. Mateus – *Por este mar adentro: êxitos e fracassos de mareantes e emigrantes algarvios na América hispânica* (Lisboa: Tinta-da-China, 2021). Uma obra que investiga de forma muito documentada e rigorosa a ligação dos algarvios à expansão espanhola no continente americano., com base numa ampla pesquisa arquivística. Numerosos casos individuais são apresentados de forma muito documentada.

ZURARA, Gomes Eanes de – *Crónica do Descobrimento e Conquista da Guiné*, ed. Reis Brasil (Mem Martins: Publicações Europa-América, 1989). O cronista português Gomes Eanes de Zurara foi contemporâneo dos primeiros descobrimentos portugueses. Na segunda metade do século XV escreveu a crónica das expedições marítimas organizadas maioritariamente a partir de Lagos pelo Infante D. Henrique. O cronista descreve com riqueza de pormenores as expedições organizadas com rumo ao litoral ocidental de África pelos portugueses.

FARO 2023 | Direção Regional de Cultura do Algarve | Projeto Magallanes\_ICC



**Interreg**  
Espanha - Portugal



**MAGALLANES\_ICC**

PR2  
DE  
TO

**MAGAILANES** INSTRUMENTOS CULTURAIS E CRIATIVOS **ICC**